

A CONDIÇÃO DO SUJEITO EM KAFKA

Wellington Freire Machado

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Receio que os animais vejam o homem como um semelhante que perigosamente perdeu sua sábia razão animal - como o animal delirante, o animal ridente, o animal plangente, o animal infeliz.

Friedrich Nietzsche.

Mundialmente conhecido por sua obra fortemente marcada por personagens em conflito existencial, Franz Kafka (1883-1924) é considerado um dos grandes autores da literatura ocidental. Devido ao seu tom voltado ao detalhe, à narrativa breve e a questões fortemente ligadas ao ser, consegue dialogar com o homem contemporâneo senão pela identificação com a condição dos indivíduos que representa, pelo caráter plurissignificativo-interpretativo auferível à sua produção literária. Segundo Theodor Adorno, em "Anotações sobre Kafka" (1998, p. 241), Kafka exige do observador pretensamente desinteressado um esforço desesperado, agredindo-o e sugerindo que de sua correta compreensão depende muito mais que apenas o equilíbrio espiritual, “sendo uma questão de vida ou morte”. Nesse sentido, pensar a literatura de Kafka a partir de qualquer viés interpretativo e/ou associativo, constitui um verdadeiro desafio hermenêutico.

Dessa forma, neste ensaio propõe-se uma leitura de duas produções kafkianas: *A Metamorfose*, publicado pela primeira vez em 1915, e *Um relato para uma academia* (1917). Busca-se, sobretudo, pensar o processo de transitoriedade homem-animal, animal-homem encontrável em ambos relatos ficcionais. No primeiro, o narrador conta a história do jovem Gregor Samsa, — caixeiro-viajante e único

provedor de uma decadente família burguesa — que se transforma em um inseto repugnante, constituindo a narrativa então um dramático relato da condição transmutativa do personagem, que sem bem compreender o que ocorre consigo mesmo, passa a sofrer um tratamento hostil por parte de seus familiares, que não mais o enxergam como membro da família, mas sim como um animal pestilento. Já em *Um relato para uma academia*, um simpático símio chamado Peter relata a um público acadêmico como conseguiu comportar-se como humano, dos princípios aos fins de como se transformou graças a uma experiência científica inovadora. Assim, subsidia a leitura dos contos de Kafka desde o viés da condição humana e animal, o texto de Jacques Derrida, intitulado *O animal que logo sou*.

2. A METAMORFOSE DE GREGOR SAMSA.

Um primeiro sinal do início do conhecimento é o desejo de morrer. Esta vida parece insuportável, a outra inatingível. A pessoa já não se envergonha mais de querer morrer; pede para ser levada da velha cela que ela odeia para uma nova, que só então aprenderá a odiar. Persiste um resíduo de fé durante a transferência se o senhor casualmente passar pelo corredor, avistar o prisioneiro e disser: “Este homem vocês não podem prender outra vez. Ele vai para a minha casa”.

Aforismas. Kafka.

Em *A metamorfose*, um dos principais pontos de reflexão está diretamente ligado à questão da percepção, que se dá em dois ângulos. O primeiro ângulo é a forma como Gregor vê a família, utilizando o relacionamento que manteve ao longo da vida como base para criar um suposto horizonte de expectativas em relação à reação que acredita dever ter a mãe, a irmã e até mesmo o pai. De outro lado, está a forma como a própria família vê Gregor, não mais como o filho querido e trabalhador, provedor de toda a renda e estabilidade financeira familiar, mas sim como um monstro a quem devem suportar por obrigação, orando para que expire o mais rápido possível.

Este processo de transformação na forma de ver o outro está diretamente ligado a mutação física à qual Gregor foi – por razões desconhecidas – submetido. Nesse sentido, o texto de Kafka dialoga claramente com o leitor, questionando com afincos a base e os valores da sociedade burguesa de seu tempo, colocando em posição de xeque as relações familiares que se dizem mais incondicionais, como se percebe no caso de Gregor, a relação entre pais e filhos. Logo, condiciona a pensar além da complexa relação de tolerância entre parentes sanguíneos: mina os mecanismos de produção de uma sociedade capitalista, na qual não há espaço para aqueles que não podem produzir. Assim, Gregor transita de um polo a outro num abrir de olhos: da vida agitada – e pouco remunerada - de caixeiro-viajante, passa a se transformar nitidamente em um parasita. Em uma leitura mais contemporânea, também é possível conceber Gregor como metonímia das pessoas que se mutilam na indústria e logo se tornam improdutivas para a sociedade a que servem.

Gregor sequer pode conceber uma explicação racional que justifique sua condição físico-animal. Diante de tantas interpretações resultantes das inúmeras possibilidades ofertadas pela obra kafkiana, neste ensaio pensar-se-á a metamorfose de Gregor não mais do que no âmbito literal da animalidade à qual se vê o personagem. É neste impulso, que uma leitura atenta de “O animal que logo sou”, do filósofo argelino Jacques Derrida, se torna uma interessante chave interpretativa de *A metamorfose*.

Ao encarar olho no olho seu gato de estimação, Derrida passa a questionar a relação entre homens e animais, no sentido mais estrito da animalidade, do *Animot*¹, como chama. Discorrendo sobre a nudez animal, Derrida afirma:

O animal, portanto, não está nu porque ele é nu. Ele não tem o sentimento de sua nudez. Não há nudez “na natureza”. Existe apenas o sentimento, o afeto, a experiência (consciente ou inconsciente) de existir na nudez. Por ele *ser* nu, sem existir na

¹ Termo alçado por Derrida para tratar da animalidade. Já é característico deste autor o neologismo, vide o conceito de *différance* e também a concepção de desconstrução.

nudez, o animal não se sente nem se vê nu. Assim, ele não está nu. (DERRIDA, 2011, p.17)

Neste ponto, em especial, Derrida refere-se *ab initio* ao sentimento de vergonha não característico do animal. Mais adiante o autor desenvolve a ideia realizando inferências no mito de criação, da estadia à queda do Jardim do Éden. Pensar Gregor em sua condição corpórea animalésca condiciona a pensá-lo também, enquanto dotado de características perceptíveis a partir da sua reação, o que em um sentido mais amplo, aproxima o animal do homem. Em relação ao sentimento de nudez, no caso de Gregor de estar em uma condição fisicamente vista como inferior por aqueles que um dia foram iguais a ele. Nesse sentido, o personagem talvez não tenha uma dimensão total da sua condição corpórea, e isso aproxima-o do não-sentimento de nudez mencionado por Derrida. Algumas passagens cabais que reforçam esta afirmação são encontráveis no desenrolar da novela.

Ao acordar pela manhã, ainda sem consciência da sua mortal condição física, Gregor já demonstra total apreço aos pais, permitindo-se passar por distintas formas de privação em prol de manter a sua palavra:

Voltou a deixar-se escorregar para a posição inicial. Isto de levantar cedo, pensou, deixa a pessoa estúpida. Um homem necessita de sono. Há outros comerciantes que vivem como mulheres de harém. Por exemplo, quando volto para o hotel, de manhã, para tomar nota das encomendas que tenho, esses se limitam a sentar-se à mesa para o pequeno almoço. Eu que tentasse sequer fazer isso com o meu patrão: era logo despedido. De qualquer maneira, era capaz de ser bom para mim - quem sabe? Se não tivesse de me aguentar, por causa dos meus pais, há muito tempo que me teria despedido; iria ter com o patrão e lhe falar exatamente o que penso dele. Havia de cair ao comprido em cima da secretária! Também é um hábito esquisito, esse de se sentar a uma secretária em plano elevado e falar para baixo para os empregados, tanto mais que eles têm de aproximar-se bastante, porque o patrão é ruim de ouvido. Bem, ainda há uma esperança; depois de ter

economizado o suficiente para pagar o que os meus pais lhe devem - o que deve levar outros cinco ou seis anos -, faço-o, com certeza. Nessa altura, vou me libertar completamente. Mas, para agora, o melhor é me levantar, porque o meu trem parte às cinco. (KAFKA, 2011, p.16)

É com este sentimento de dever, de compromisso com os pais, que o personagem reage ao longo da narrativa. Para Gregor as relações sanguíneas são as mais importantes, pois é a materialidade do pilar que sustenta a família, visto que o pai – um burguês falido – já não mais pode trabalhar devido a sua limitada condição física: “Ao longo desses cinco anos, os primeiros anos de lazer de uma vida de trabalho, ainda que mal sucedido, tinha engordado e tornara-se um tanto lento.” (KAFKA, 2011, p.53), advindo então todo provimento financeiro do seu ofício de caixeiro-viajante, sustentando o pai, a mãe e a irmã. O que instiga na narrativa é o sentimento inalterado do filho para com os familiares, portando-se como se sua condição não se houvesse alterado: “Gregor chegava a pensar que talvez até fosse bom se a mãe pudesse entrar; (...) Ademais, ela entendia tudo muito melhor do que a irmã que, apesar de toda a sua coragem, era apenas uma criança” (KAFKA, 2011, p.59). Gregor vê na mãe a pessoa capaz de compreender a situação, sendo a mais capacitada a lidar com o problema devido a sua suposta facilidade de compreensão, não encontrável na irmã demasiadamente jovem. Nessa linha, a problemática da não correspondência da condição corpórea de Gregor ao seu status mental, que se mantinha humano. Ao ouvir a irmã tocar violino, o narrador se pergunta: “Era ele um animal, uma vez que a música o tocava tanto?” (KAFKA, 2011, p.87).

O agravante do problema foi justamente a ausência – na família - desta percepção que tivera o narrador. A família não conseguia ver a essência de Gregor, sendo incapazes de senti-lo além da carapaça visível aos olhos. Uma passagem elucidante em relação a este aspecto pode ser vista na página 47², na qual o

² Todas as referências a esta novela de Kafka são da edição KAFKA. Franz. A metamorfose. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&EPM, 2011.

narrador explicita diretamente o modo como os parentes lidam com a alimentação do personagem:

Gregor estava curioso ao extremo para ver o que ela traria em substituição ao leite e fazia as mais variadas conjecturas a respeito. Mas ele jamais poderia adivinhar o que a irmã, em sua bondade, faria. Para testar seu gosto, ela lhe trouxe todo um sortimento, espalhado sobre um jornal velho. Ali havia legumes velhos, semi apodrecidos; ossos da janta da noite anterior, envolvidos pelo molho branco; endurecido; algumas passas e amêndoas; um queijo, que Gregor há dois dias teria declarado intragável; Um pão seco, um pão com manteiga e um pão salgado com manteiga. Além disso, ela colocou junto de tudo isso a tigela – que provavelmente estava destinada a Gregor de uma vez por todas -, na qual havia posto água. (KAFKA, 2011, p.47)

Como se percebe na citação anterior, Grete – a irmã de Gregor – serve ao irmão uma refeição constituída por comidas indesejáveis a qualquer ser humano, digna de um banquete servido aos porcos. Nesse sentido, o evidente empenho da irmã por buscar tratar o irmão de forma digna e correspondente à sua condição corpórea. Uma outra passagem que denota a total ausência de percepção da família – ao ignorar qualquer fagulha de humanidade em Gregor – pode ser encontrada no momento em que a mãe finalmente se depara com a figura de Gregor sobre o papel floreado na parede, reagindo da maneira mais estupefata possível: “-Ah meu Deus! Ah, meu Deus! – e caiu de braços abertos, como se desistisse de tudo, sobre o canapé, e não se moveu.” (KAFKA, 2011, p.66), rompendo então com qualquer expectativa de bem aceitação daquilo a que Gregor havia se transformado.

Nesse sentido, mais do que a dificuldade descrita por Derrida - a de ser surpreendido pelo olhar de um animal³ -, nesta passagem percebe-se a dificuldade em deparar-se com a figura animalesca – e por que não grotesca – na qual se havia convertido o seu filho. Conforme fluem os três capítulos da novela de Kafka, o

³ Sobre o homem observado pelo animal ver DERRIDA. Jacques. O animal que logo sou. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2011. p.15.

desprezo a Gregor se generaliza na família Samsa. Um terceiro elemento da tríade familiar é o pai, e é este o responsável pela manifestação de violência mais impressionante da história:

De súbito, sentiu embater perto de si e rolar à sua frente qualquer coisa que fora violentamente arremessada. Era uma maçã, à qual logo outra se seguiu. Gregor deteve-se, assaltado pelo pânico. De nada servia continuar a fugir, uma vez que o pai resolvera bombardeá-lo. Tinha enchido os bolsos de maçãs, que tirara da fruteira do aparador, e atrava-lhas uma a uma, sem grandes preocupações de pontaria. As pequenas maçãs vermelhas rebojavam no chão como que magnetizadas e engatilhadas umas nas outras. Uma delas, arremessada sem grande força, roçou o dorso de Gregor e ressaltou sem causar-lhe dano. A que se seguiu, penetrou-lhe nas costas. Gregor tentou arrastar-se para a frente, como se, fazendo-o, pudesse deixar para trás a incrível dor que repentinamente sentiu, mas sentia-se pregado ao chão e só conseguiu acaçapar-se, completamente desorientado. Num último olhar, antes de perder a consciência, viu a porta abrir-se de repente e a mãe entrar de roldão à frente da filha, em trajos menores, pois Grete tinha-a libertado da roupa para lhe permitir melhor respiração e reanimá-la. Viu ainda a mãe correr para o pai, deixando cair no chão as saias de baixo, uma após outra, tropeçar nelas e cair nos braços do pai, em completa união com ele nesse instante, a vista de Gregor começou a falhar, enclavinando-lhe as mãos em redor do pescoço e pedindo-lhe que poupasse a vida ao filho. (KAFKA, 2011, p.71-72)

Ao arremessar a maçã nas costas de Gregor no final do terceiro capítulo, o pai, na verdade, agrava a situação de abandono à qual a família optou por renegar Gregor. Se por um lado o protagonista da história vê a família com otimismo, por outro a correspondência não é unívoca. O cerne da questão está, principalmente, na relação entre homem e animal. Em “O animal que logo sou”, Derrida retoma o mito bíblico de criação para apontar possíveis razões que justifiquem a suposta supremacia do homem sobre o animal, detectando as origens desta relação de inferioridade-superioridade entre os animais ditos racionais e os que supostamente

são irracionais. Nesse sentido, *A metamorfose* parece interessante ao se pensar a questão da racionalidade. Seres supostamente racionais ignoram a possível racionalidade ou consciência de um ser animal – pressupostamente irracional na concepção destes. Contudo, a racionalidade dos parentes de Gregor não se justifica ao passo de que estes ignoram a possibilidade do monstro que criam no quarto ser sensível, sendo um humano com carapaça animal. É esta relação de superioridade entre o homem sobre o animal – ser silencioso ao qual se pode nomear, na perspectiva de Derrida – que o autor argelino busca minar em “O animal que logo sou”.

Na história de Caim e Abel, Derrida encontra no sacrifício do animal uma incitação primeira à imolação: “Entre Caim e Abel, houve também animal morto. E animal domado, criado, sacrificado.” (DERRIDA, 2011, p. 79). O autor reconstitui o mito de criação da humanidade – desde a soberania de Adão em nomear os demais seres – para mostrar de onde advém o processo de sujeição. Ainda no mito de Caim e Abel, Derrida afirma: “O mais velho, Caim, o agricultor, o sedentário pois, vê recusar-se a oferenda dos frutos da terra por um Deus que prefere, como oblação, as primeiras crias do gado de Abel, o pastor. (idem).

Assim como o movimento feminista dos anos sessenta viu no mito de fundação da humanidade a razão primeira para o processo de apagamento da figura da mulher⁴, Derrida recorda como um processo semelhante ocorre na estrutura mítica ocidental⁵ em relação aos seres ditos irracionais.:

Deus observa: Adão é observado, ele está sob observação, ele nomeia sob observação. Tradução de Chouraqui: “Ele os faz vir até o homem da gleba para ver o que lhes apregoará”. Ele os faz vir, ele os convoca, eles, os animais que ele aliás havia

⁴ Sobre este tema ver a obra PRIORE. Mary Del (org). História das mulheres no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

⁵ Na contramão da visão detectada no ocidente, cabe ressaltar a relação entre homem e animal no Oriente, lugar em que as estruturas míticas não cristãs são povoadas de animais-deuses venerados pelos homens. Um exemplo interessante é a relação dos indianos com a vaca. Nesse sentido, uma inferência na mitologia hindu, egípcia e babilônica pode ser interessante para compreender esta questão.

criado, dizia o primeiro relato, e eu sublinho enfaticamente este episódio importante para os que interessará, no intuito de “sujeitá-los” (Chouraqui) ao homem, a fim de colocá-los sobre a “autoridade” (Dhormes) do homem. Mais precisamente ele criou o homem à sua *semelhança para que o homem sujeite, dome, domine, adestre ou domestique* os animais nascidos antes dele, e assente sua autoridade sobre eles. Deus destina os animais a experimentar o poder do homem à obra, para ver o homem tomar o poder sobre todos os outros viventes. Chouraqui: “Ele os faz vir até o homem da gleba *para ver* o que ele lhes apregoará”; Dhormes: “Ele os leva até o homem *para ver* como ele os chamará”. (DERRIDA, 2011, p.37)

Na citação anterior é possível perceber como se dá no mito de criação o processo de sujeição pelo qual passam os animais. Nesse sentido, a submissão do animal ao homem está diretamente ligada a uma determinação advinda de uma entidade supostamente superior. Tendo em vista o forte predomínio cristão na cultura ocidental, não espanta a predominância longínqua de certos valores. É justamente um forte resquício desse poder de sujeição que se vê em *A metamorfose*. Renegado ao nada – tal como o animal que a nada tem direito de escolha -, Gregor vê o passar dos dias em meio a um universo tomado pela imundície e pela sujeira em total desequilíbrio: “As paredes estavam cobertas de manchas de sujidade e, aqui e além, viam-se bolas de sujidade e de pó no soalho. A princípio, Gregor costumava colocar-se a um canto particularmente sujo” (KAFKA, 2011, p. 79). Assim, mais do que a própria sujeira em si resultante do descuido ou do esquecimento alheio, a sujeição de Gregor ao abandono e à vontade da irmã se torna evidente conforme o desenrolar do drama do personagem: “A irmã empurrava com o pé, para dentro do quarto, a comida que houvesse à mão, e à noite retirava de novo com o auxílio da vassoura, sem se preocupar em verificar se ele a tinha simplesmente provado ou havia deixado intacta.” (idem).

Segundo Derrida, no segundo relato bíblico, o homem recebe o poder de sujeitar os animais, devendo marcá-los com sua ascendência, sua dominação, “com o seu poder de domar” (2011, p. 35). A questão da autoridade e do sentimento de

pertencimento é uma variável recorrente não só no mito de fundação, mas também em toda a estrutura mítica encontrada na bíblia. Entre tantas, uma passagem que corrobora esta afirmação, pode ser encontrada no capítulo destinado ao dilúvio: só o homem pode ser o responsável por salvar todas as espécies, sendo o único responsável pelas gerações vindouras dos mais distintos seres.

A seguir, uma passagem bem recortada por Derrida, elucidando de forma clara este aspecto:

Elohim diz: “Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança! [e logo a seguir, passagem no plural] Que eles tenham *autoridade* [eu sublinho] sobre os peixes do mar e sobre os pássaros dos céus, sobre os animais a domesticar, sobre todas as feras selvagens e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra!”. Elohim criou pois o homem à sua imagem, à imagem de Elohim ele o criou. Ele os criou homem e fêmea. Elohim os abençoou e Elohim lhes disse: “Frutificai e multiplicai-vos, preencheis a terra e submetei-a, *tende autoridade* [sublinho novamente] sobre os peixes do mar e sobre os pássaros dos céus, sobre todo vivente que se move sobre a terra. (DHORMES apud DERRIDA, 2011, p.36)

A supremacia do homem sobre o animal no âmbito do universo familiar de Gregor adota proporções extremas, tamanha disformidade entre o ex caixeiro viajante e os demais membros de sua família. Ainda discorrendo sobre a questão do *Animot* em "O animal que logo sou", Derrida cita a história de "Alice no país das maravilhas", de Lewis Carrol: "O animal, o gato dito real enquanto animal, vocês podem falar, ele não responde, não verdadeiramente, jamais; eis o que concluiu Alice" (CARROL p.340 apud DERRIDA, 2011, p.24). Alice encontra então uma suposta solução bastante racional para estabelecer a comunicação entre homem e animal: "Se elas pelo menos ronronassem para dizer 'sim' e miassem para dizer 'não', ou se elas seguissem uma regra desse tipo, de modo que se pudesse ter uma conversa com elas! Mas como se pode falar com alguém que responde sempre do mesmo jeito?" (idem). Nesse sentido, a comunicação de Gregor com os pais não se

dá. Não há comunicação nem compreensão de qualquer coisa que advenha do metamorfoseado. O contrário, por outro lado, ocorre. Gregor facilmente percebe — seja através das frestas da porta ou através das atitudes transparecidas pelos familiares — que de um dia para o outro transformou-se num fardo encarregável. Isso denota, mais uma vez, que o personagem animalizou-se apenas na forma física. Ao compará-lo com os pais — desde estes parâmetros — parece que quem verdadeiramente se animalizou — no âmago de seus próprios *self*, no seu interior — foram, na verdade, seus familiares. Dessa forma, pensado desde uma visão antropocêntrica, ocorre um interessante processo de inversão animalesca — enquanto o humano Gregor sofre encorpado em uma forma animal, seus parentes animais — desde suas próprias perspectivas de animais, não na de Derrida — desfrutam de uma forma humana.

Assim, contrariando a aceção conceitual de animal recorrente — também encontrada em Alice no país das maravilhas — Gregor corresponde às expectativas daquele grupo de pessoas, morrendo. Derrida insiste na questão do sentir, e na página 56 discorre sobre o terror que pode se apossar de certos animais dos quais os homens são testemunhas. Aterrorizado por sua disforme estrutura física, Gregor compreende bem a mensagem:

- Isso tem que sair daqui - exclamou a irmã -, é o único meio, pai. Tu simplesmente tens de te livrar do pensamento de que é Gregor. Que tenhamos acreditado por tanto tempo, essa é que é a nossa verdadeira desgraça. Mas como é que pode ser Gregor? Se fosse Gregor, ele já teria compreendido há tempo que o convívio de seres humanos com um bicho assim não é possível, e teria ido embora de vontade própria. Caso isso acontecesse, nós não teríamos irmão, mas poderíamos seguir vivendo e honrar sua memória. Mas esse bicho nos persegue, expulsa os inquilinos, obviamente que tomar para si o apartamento inteiro e fazer com que nós passássemos a noite na rua. (KAFKA, 2011, p. 93)

Se anteriormente a família não tinha tempo para ocupar-se de Gregor — devido ao fato de todos terem que trabalhar para poder manter-se⁶ — no final do terceiro capítulo da narrativa, o que ocorre declaradamente é uma completa ânsia por livrar-se o quanto antes do irmão metamorfoseado. Assim, ao contrário do gatinho de Alice que não ronrona para dizer "sim" e tampouco mia para dizer "não", Gregor simplesmente corresponde à toda expectativa depositada em cima de que um dia ele iria dar-se conta do quão desnecessário era e, por fim, iria embora. Para Gregor, a vida fora das paredes de sua casa - como se percebe no princípio da narrativa⁷ - era inconcebível. Talvez por essa razão Gregor tenha optado pelo caminho mais curto em direção ao fim: deixou de comer, definhando até a morte:

Pensou na família com ternura e amor. A sua decisão de partir era, se possível, ainda mais firme do que a da irmã. Deixou-se ficar naquele estado de vaga e calma meditação até o relógio da torre bater as três da manhã. Uma vez mais, os primeiros alvares do mundo que havia para além da janela penetraram-lhe a consciência. Depois, a cabeça pendeu-lhe inevitavelmente para o chão e de suas narinas saiu um último e débil suspiro. (p.95-96)

3. DE SÍMIO A HUMANO: UM RELATO PARA UMA ACADEMIA.

E eu aprendi, senhores. Ah, aprende-se o que é preciso que de aprenda! Aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo. Fiscaliza-se a si mesmo com o chicote; à menor resistência flagela-se a própria carne. A natureza do macaco escapou de mim frenética, dando cambalhotas, de tal modo que com isso meu primeiro professor quase se tornou ele próprio um símio, teve de renunciar às aulas e ser internado em um sanatório. Felizmente saiu logo de lá.

Franz Kafka. Um relatório para uma academia.

⁶ Op cit. p.76

⁷ Ver página 25, quando o pai afirma ao gerente que Gregor não tem vida social: “Quase me zango com a mania que ele tem de nunca sair à noite; há oito dias que está em casa e não houve uma única noite que não ficasse em casa.”.

Em “Um relatório para uma academia”, um macaco falante informa os membros de uma academia sobre sua transformação de animal para uma existência humana, discursando com uma linguagem requintada. Pedro, o vermelho — como é chamado — conta como se transformou de símio em homem em apenas cinco anos. Segundo Pedro, a imitação persistente de um comportamento humano foi fundamental para que esse processo lograsse ser concluído com êxito. Sua habilidade para imitação de humanos faz com que se converta em um astro de um circo de variedades e a qualidade do seu poder de imitação é o recurso que lhe permite escapar do confinamento.

Neste conto publicado em 1917 tem-se, mais uma vez, um tema de recorrência constante na obra de Franz Kafka: a questão da animalidade. Neste conto, ocorre um processo semelhantemente inverso ao que ocorrera com Gregor Samsa em *A metamorfose*. Nesta novela, tem-se um humano que se converte fisicamente em animal – mantendo-se humano em sua essência. Já em “Um relatório para uma academia” ocorre o inverso: a forma física animalesca se mantém, modificando-se o macaco não no físico – tal como Gregor -, mas sim em sua essência: não mais age como animal e pode raciocinar e reagir tal como um humano.

No trecho seguinte, percebe-se um sentimento de autocrítica ímpar por parte do símio kafkiano, bem como uma louvável lucidez e franqueza acadêmica:

Quase cinco anos me separam da condição de símio; espaço de tempo que medido pelo calendário talvez seja breve, mas que é infindavelmente longo para atravessar a galope como eu o fiz, acompanhado em alguns trechos por pessoas excelentes, conselhos, aplauso e música orquestral, mas no fundo sozinho, pois, para insistir na imagem, todo acompanhamento se mantinha bem recuado diante da barreira. Essa realização teria sido impossível se eu tivesse querido me apegar com teimosia à minha origem e às lembranças de juventude. Justamente a renúncia a qualquer obstinação era o supremo mandamento que eu me havia imposto; eu, macaco livre, me submeti a esse jugo. Com isso porém as recordações, por seu

turno, se fecharam cada vez mais para mim. O retorno, caso os homens o tivessem desejado, estava de início liberado através do portal inteiro que o céu forma sobre a terra, mas ele foi se tornando simultaneamente mais baixo e mais estreito com a minha evolução, empurrada para a frente a chicote; sentia-me melhor e mais incluído no mundo dos homens; a tormenta cujo sopro me carregava do passado amainou; hoje é apenas uma corrente de ar que me esfria os calcanhares; e o buraco na distância, através do qual ela vem e através do qual eu outrora vim, ficou tão pequeno que eu me esfolaria no ato de atravessá-lo, mesmo que as forças e a vontade bastassem para que retrocedesse até lá. Falando francamente, sua origem de macaco, meus senhores, até onde tenham atrás de si algo dessa natureza, não pode estar tão distante dos senhores como a minha está distante de mim. (KAFKA, 2011, p.113)

No princípio do relato, o personagem reitera sua condição de símio anterior ao seu momento atual. O curto prazo com o qual o macaco se transformara pode soar como uma interessante variação irônica da teoria da evolução darwiniana. Como fatores de indispensável auxílio neste processo de conversão, o símio diz que fora acompanhado por "excelentes pessoas, conselho, aplauso e música orquestral" — instrumentos de valor inestimável em uma sociedade antropocêntrica. Um fator de interessante ressalva é o desapego à sua condição animal: para o relatante, não haveria êxito se houvesse qualquer apego a lembranças do passado: na sua condição de macaco livre — segundo suas próprias palavras — (agora com direitos e deveres iguais a qualquer homem) havia se imposto esta condição: para que pudesse progredir não poderia manter qualquer vínculo com a sua anterior condição.

Em "O animal que logo sou", Jacques Derrida questiona: "O que é o pudor se só se pode ser pudico permanecendo impudico, e reciprocamente?" (DERRIDA, 2011, p.18). Segundo o autor, após a queda do Jardim do Éden, o homem não seria nunca mais nu por que ele tem o sentido da nudez, ou seja, o pudor ou a vergonha. O ser animal — na perspectiva de Derrida — estaria na não não-nudez, por que nu, e o homem na nudez, precisamente lá onde ele não é mais nu. Mais adiante o autor acrescenta: "Eis aí uma diferença, eis aí um tempo ou um contratempo entre duas

nudezas sem nudez. Esse contratempo está apenas começando a nos incomodar, no que diz respeito à ciência do bem e do mal" (idem). Segundo essa perspectiva derridiana, em termos gerais, o animal não teria vergonha de sua nudez — sendo este um primeiro sobressaliente ponto de diferenciação do animal homem.

Em determinada altura do relato proferido por Pedro, ele ressalta onde tomara seu segundo tiro. O primeiro fora na boca “Um na maçã do rosto: esse foi leve, mas deixou uma cicatriz vermelha de pêlos raspados, que me valeu o apelido repelente de Pedro Vermelho” (p.115). Já o segundo tiro

me acertou embaixo da anca. Foi grave e a ele se deve o fato de ainda hoje eu mancar um pouco. Li recentemente, num artigo de algum dos 10 mil cabeças de vento que se manifestam sobre mim nos jornais, que minha natureza de símio ainda não está totalmente reprimida; a prova disso é que, quando chegam visitas, eu tenho predileção em despir as calças para mostrar o lugar onde aquele tiro entrou. Deviam arrancar um a um os dedinhos da mão do sujeito que escreveu isso. Eu – eu posso despir as calças a quem me apraz; não se encontrará lá nada senão uma pelúcia bem tratada e a cicatriz de um tiro delinquente. Está tudo exposto à luz do dia, não há nada a esconder; quando se trata da verdade, qualquer um de espírito largo joga fora as mais finas maneiras. Se, ao contrário, aquele escrevinhador despisse as calças diante da visita que chega, isso sem dúvida teria um outro aspecto e quero considerar como sinal de juízo se ele não o fizer. Mas então que me deixe em paz com os meus sentimentos delicados! (KAFKA, 2011, p.115)

O fato de o macaco estar completamente desvinculado do sentimento de vergonha ao mostrar as nádegas a estranhos faz com que a comunidade científica considere que a natureza de símio não está completamente reprimida em Pedro. Essa perspectiva corrobora a tese apresentada por Derrida, a de que o animal não sente vergonha de sua nudez, sendo isto um parâmetro avaliativo para os humanos designarem o grau de animalidade presente em Pedro, que, ao que parece goza de pleno domínio de suas faculdades mentais, replica , pois sabe que sua condição

física distingue-se das dos humanos: "eu posso despir as calças a quem me apraz; não se encontrará lá nada senão uma pelúcia bem tratada e a cicatriz de um tiro delinquente" (idem)

Ainda em "O animal que logo sou", Derrida afirma que seu sentimento de nudez diante do gato está ancorado a algo bastante anterior: remete ao relato da Gênese, "desde o tempo em que Adão, aliás Isch, proclama seus nomes aos animais antes da queda, nu mas *antes* de ter vergonha de sua nudez" (DERRIDA, 2011, p.44). O homem nu sem a vergonha proclama nomes aos animais – seres igualmente nus, sem vergonha de sua nudez. Após a queda o homem passa a sentir vergonha de sua condição de nudez. Mas os nomes já haviam sido dados: agora o homem pode sentir-se nu – e envergonhado – diante do olhar atento de um animal.

Derrida fala sobre o termo "passagem de fronteiras". No como o homem transita para o lado separado por uma sutil linha que separa o homem do animal: "Ao passar as fronteiras ou os fins do homem, chego ao animal: ao animal em si, ao animal em mim e ao animal em falta de si mesmo" (DERRIDA, 2011, p. 14). Em "Um relatório para uma academia" ocorre um processo inverso: Pedro Rubro toma consciência no momento em que transita do ser animal para o homem, um sentido inverso – e menos filosófico do que na acepção derridiana – do que se referira o pensador argelino:

Depois daqueles tiros eu acordei - e aqui, aos poucos, começa a minha própria lembrança - numa jaula na coberta do navio a vapor da firma Hagenbeck. Não era uma jaula gradeada de quatro lados; eram apenas três paredes pregadas num caixote, que formava portando a quarta parede. O conjunto era baixo demais para que eu me levantasse e estreito demais para que eu me sentasse. Por isso fiquei agachado, com os joelhos dobrados que tremiam sem parar, na verdade voltado para o caixote, uma vez que a princípio eu não queria ver ninguém e desejava estar sempre no escuro, enquanto por trás as grades da jaula me penetravam na carne. Consideram vantajoso esse tipo de confinamento e animais selvagens nos primeiros tempos e hoje, pela minha experiência, não posso negar que

seja assim do ponto de vista humano. (KAFKA, 2011, p.115-116)

No recorte anterior, a plena consciência de Pedro Rubro do sentir — do ver os fatos desde uma perspectiva humana. Nesse sentido, algumas passagens do texto se tornam importantes para a compreensão da forma como Pedro passou a fazer parte de um universo do qual anteriormente desconhecera: “A primeira coisa que aprendi foi dar um aperto de mão; o aperto de mão é testemunho de franqueza; possa eu hoje, quando estou no auge da minha carreira, acrescentar àquele primeiro aperto de mão a palavra franca.” (KAFKA, 2011, p.115).

Em Pedro Rubro, tudo são relatos, memórias de um símio convertido em um humano de sucesso. Dentre muitas lições dadas pelo símio, a que mais se faz evidente é a questão da representação, da mímese. Para o protagonista kafkiano deste conto a forma como se transformou em humano se deu graças à imitação. Ao contemplar a liberdade humana foi que o personagem descobriu que a liberdade, na verdade, não era o que de fato almejava:

E assim como a liberdade figura entre os sentimentos mais sublimes, também o ludíbrio correspondente figura entre os mais elevados. Muitas vezes vi nos teatros de variedades, antes da minha entrada em cena, um ou outro par de artistas às voltas com os trapézios lá do alto. Eles se arrojavam, balançavam, saltavam, voavam um para os braços do outro, um carregava o outro pelos cabelos presos nos dentes. “Isso também é liberdade humana”, eu pensava, “movimento soberano”. Ó derrisão da sagrada natureza! Nenhuma construção ficaria em pé diante da gargalhada dos macacos à vista disso.

Para o personagem, não importava verdadeiramente estar livre, de volta — talvez — ao seu habitat, longe dos homens do navio. Para ele, como se pode confirmar no relato, importa sim algo que alcunha como “tranquilidade interior”: “Não, liberdade eu não queria. Apenas uma saída; à direita, à esquerda, para onde

quer que fosse; eu não fazia outras exigências; a saída podia também ser apenas um engano; a exigência era pequena, o engano não seria maior.” (KAFKA, 2011, p.119). Em determinada altura do relato, Pedro afirma que era muito fácil imitar as pessoas, e que nos primeiros dias já sabia cuspir. Graças ao companheirismo e ao sentimento de camaradagem transmitido por seus companheiros humanos de bordo — a quem o símio define como homens bons —, foi que o macaco começou a dar passos importantes no seu processo transmutativo: “O cachimbo eu logo fumei como um velho; se depois eu ainda comprimia o polegar no forninho; a coberta inteira do navio se rejubilava; só não entendi durante muito tempo a diferença entre o cachimbo vazio e o cachimbo cheio” (KAFKA, 2011, p.120).

Para se tornar humano, então, precisou começar a aprender dentro do navio, segundo os próprios hábitos e costumes daqueles homens trabalhadores que compartilhavam o mesmo teto que ele. Foi então que resolveu experimentar pela primeira vez em sua existência uma garrafa de aguardente. Somente o cheiro desta bebida já atormentava Pedro, que não conseguira imaginar-se consumindo o líquido que estava dentro da garrafa: “eu me forçava com todas as energias, mas passaram-se semanas antes que eu me dominasse” (idem).

O processo de aprendizado de Pedro se divide então em dois momentos: a aula teórica e a aula prática. Na sequência, o recorte de Pedro descrevendo uma exaustiva aula teórica:

Ele não me compreendia, queria solucionar a seu modo o enigma do meu ser. Desenvolhava devagar a garrafa e em seguida me fitava para ver se eu havia entendido; concedo que sempre olhei para ele com uma atenção selvagem e atropelada; nenhum mestre de homem encontra a toda volta da terra um aprendiz de homem assim; depois que a garrafa estava desenvolvida, ele a erguia até a boca; eu a sigo com o olhar até a garganta; ele acena com a cabeça, satisfeito comigo, e coloca a garrafa nos lábios; encantado com o conhecimento gradativo, eu me coço aos guinchos de alto a baixo e de lado a lado, onde cabe coçar; ele se alegra, leva a garrafa à boca e bebe um trago; impaciente e desesperado para

imitá-lo eu me sujo na jaula, o que por seu turno lhe causa grande satisfação; distanciando então a garrafa e num arremesso alçando-a outra vez, ele a esvazia de um só trago. Exausto com tamanha exigência eu não posso mais acompanhá-lo e fico pendurado frágil na grade enquanto ele encerra a aula teórica alisando a barriga e arreganhando os dentes num sorriso. Só agora começo o exercício prático. Já não estava esgotado demais pela aula teórica? Certamente: esgotado demais. (KAFKA, 2011, p.120-121.)

O momento de maior importância neste processo de conversão de Pedro se dá justamente após inúmeras tentativas para que este finalmente pudesse tomar a aguardente, bebida tão apreciada entre os trabalhadores do navio. Segundo o relato de Pedro, fora em uma noite, na qual uma garrafa de aguardente teria sido deixada por descuido diante de sua jaula, em que teria aberto a garrafa, levando-a aos lábios - diante do olhar atento de dezenas de espectadores - "como um bebedor de cátedra, com os olhos virados, a goela transbordando, eu a esvaziei de fato e de verdade; joguei fora a garrafa não mais como desesperado, mas como um artista;" (KAFKA, 2011, p.121). Nesta passagem, o divisor de águas: ao representar, tal como um artista de grande performance, passa de um símio com atitude de símio, a um símio com atitude humana. Esse talvez seja o maior ponto de apoio na narrativa de Kafka: o homem só valoriza aquilo que se afina com os seus próprios anseios e ações. Essa seria uma possível justificativa para o fato de Pedro Rubro ter obtido êxito: foi a partir da imitação da atitude de homens considerados de caráter elevado⁸ foi que ele pode tornar-se um ser de status elevado.

Fora, então, em um momento subsequente à primeira manifestação propriamente humana de Pedro Rubro que o personagem por fim conseguiu prorromper em um som humano um sonoro "Alô", aproximando-se mais ainda do "ser" humano – em seu sentido estrito -, e também na arte de imitar aqueles seres que se têm como superiores.

⁸ Ver nas duas primeiras páginas da narrativa o quanto o personagem se refere com encômios aos seus companheiros de primeira hora.

O processo de conversão de Pedro, que de início mostrava-se apenas como uma forma de representação, progride de tal forma que o macaco kafkiano se convence ser humano, utilizando os semelhantes de sua original espécie apenas para fim de entretenimento sexual – não muito diferente do que fazem os humanos com seus semelhantes:

Se chego em casa tarde da noite, vindo de banquetes, sociedades científicas, reuniões agradáveis, está me esperando uma pequena chimpanzé semiamestrada e eu me permito passar bem com ela à maneira dos macacos. Durante o dia não quero vê-la; pois ela tem no olhar a loucura do perturbado animal amestrado; isso só eu reconheço e não consigo suportá-lo. (KAFKA, 2011, p,123)

A trajetória de Pedro Rubro constitui no conto de Kafka um importante relato ficcional que corrobora a tese de que a supremacia humana sobre a raça animal se solidifica a partir da própria forma como o homem vê os outros seres da natureza e o próprio universo a sua volta. Nesse sentido, a narrativa mostra que a pseudoliberalidade da qual goza a raça humana sobre as outras espécies não é nada mais que uma fraude, não sendo o humano — ou o sujeito ocidental, em uma perspectiva mais restritiva — livre, sob circunstância alguma: “Se eu fosse um adepto da já referida liberdade, teria com certeza preferido o oceano a essa saída que se me mostrava no turvo olhar daqueles homens” (KAFKA, 2011, p.119).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

¿En qué forma ha cambiado mi vida, sin cambiar en el fondo! Si retrocedo con el pensamiento y evoco los tiempos en que aún vivía en medio de la perrera, participando en cuanto interesa a los perros, un perro entre perros, encuentro, si advierto más detenidamente, que siempre hubo algo que funcionaba mal, que existía una pequeña grieta y que un ligero malestar me acometía en el curso de los más solemnes actos públicos; a veces también la simple visión de uno de mis semejantes perrunos,

considerado de pronto de otra manera, me turbaba, me asustaba, dejándome indefenso y desesperado. Investigaciones de un perro.

Franz Kafka

A obra de Franz Kafka é povoada de animais falantes. Por alto, *Um relato para uma academia* não é o único texto do autor que explora o cerne da questão existencial de seres tidos no ocidente como irracionais: Em "O novo advogado" o cavalo de Alexandre, O Grande conta como após a morte do rei da Macedônia resolveu estudar direito e lograr se tornar um profissional respeitado. Outros exemplos semelhantes também podem ser encontrados no livro *Um médico rural*. Em "Investigações de um Cão", o narrador é um cão ocupado em buscar respostas para suas inquietações existenciais. Diante do silêncio dos outros cães — que não sabem falar tal como ele — pensa que estes são seres superiores dotados de conhecimento oculto. Já no conto "A Toca", um animal trabalha para melhorar seu esconderijo, preparando entradas e saídas falsas, checando todos os pontos do abrigo — uma condição bastante semelhante à de humanos cuidando seus lares. O animal, um texugo, de tão preocupado com a segurança do seu lar, não sai mais da sua toca nem sequer para buscar comida.

Estes exemplos, associados a muitos outros perceptíveis na obra do autor, servem de mola propulsora para se pensar questões relativas à relação do homem com os animais. O que é a metamorfose de Gregor Samsa senão a própria fragilidade do homem diante dos seus semelhantes, o que denota o quão cruel e (des)humano pode ser o único animal dito racional? Neste ensaio não se buscou fazer uma análise comparativa entre os dois contos de Kafka, mas sim, sobretudo, mostrar a questão do ponto de vista a partir da inversão da condição de ambos os personagens, Gregor Samsa e Pedro Rubro.

Nesse sentido, pensar a supremacia humana sobre os mais diversos animais foi possível graças às reflexões suscitadas pela leitura de "O animal que logo sou", de Jacques Derrida. Assim, no fluxo de ideias recorrentes ao longo desta análise, é indubitável pensar a questão social como fator de importância ímpar nos conflitos

pelos quais passam os personagens. Ainda que não se aspire buscar aqui uma leitura marxista da obra de Kafka, é pouco provável que questões referentes ao próprio eu nos dois contos analisados não se relacionem, sobretudo, com os mecanismos de produção ao qual são submetidos os sujeitos sociais. Em *A Metamorfose*, tem-se um personagem oriundo de uma família burguesa, completamente desprovido de qualquer condição física de enfrentar a rotina de trabalho e, por isso, incapacitado de produzir. Em decorrência da sua condição corpórea incapaz de gerar lucro e prover a renda familiar, é relegado a escanteio. Um indício claro de como a sociedade atroz trata não somente os seres humanos improdutivos, mas também - por que não? - os animais, que em sua maioria pouco tem a oferecer em nível de lucros grandiosos.

Já em *Um relato para uma academia*, ocorre — como se pôde perceber ao longo deste ensaio — o oposto do que ocorreu com Gregor: um ser em forma animalasca adota capacidades racionais iguais ou superior a de humanos e, por essa razão, é extremamente valorizado. Neste ponto, percebe-se que para o homem dito civilizado⁹ não é a forma animalasca que importa, mas sim a capacidade de produzir, vistos os dotes mentais de Pedro. No confluir da interpretação¹⁰ de ambos os contos de Kafka, não se tem outra conclusão senão a de que a grande mensagem subjacente no texto do autor diz respeito a uma ferrenha crítica à sociedade do seu tempo, aos valores vigentes no ocidente, e à ilusória supremacia humana.

⁹ Ao menos no universo kafkiano, que supostamente dialoga com outras séries, como a social.

¹⁰ Uma, de tantas possíveis.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Anotações sobre Kafka**. In: _____. Prismas: Crítica cultural e sociedade. São Paulo: Ática, 1998

ABBAGNANO. Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COETZEE. J. M. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DERRIDA. Jacques. **O animal que logo sou**. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2011.

HÜBNER. Beatriz. **Franz Kafka, A metamorfose possíveis leituras**. Disponível em:

<www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos_completos/pdf/Franz%20kafka,%20a%20metamorfose%20%E2%80%93%20poss%C3%ADveis%20leituras%20-%20BEATRIZ.pdf> Acesso em 04/01/2012.

KAFKA. Franz. **Obras completas**. Madrid: Teorema, 1983.

_____. **Um médico rural**. tradução de Modesto Carone, Companhia das Letras, 2003.

_____. **A metamorfose**. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&EPM, 2011.

_____. **Essencial**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LEIRIS. Michel. **O espelho da tauromaquia**. Tradução Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

LEMAIRE. Gérard-Georges. **Kafka – biografia**. Tradução de Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2006.

NASCIMENTO. Evandro. **Jacques Derrida - Pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Filosofia, 2005.

NIETZSCHE. Friedrich. **Ecce Hommo - Como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Assim falou Zaratustra** : um livro para todos e para ninguém / tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRIORE. Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

Wellington Freire Machado é doutorando em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Investiga Teoria da História da Literatura. Atualmente é professor de Literatura Espanhola e Literatura Hispanoamericana na FURG. Contato: machadowf@gmail.com

ANEXO



Gregor Samsa após a metamorfose. Autor desconhecido.